

DUALIDADE SACRIFICIAL: ABANDONO SOCIAL E VIOLÊNCIA EM MARCELINO FREIRE

Rubens Corgozinho¹

Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real
Minha chance era pouca
Racionais MC's

Resumo: O presente trabalho pretende abordar a dualidade existente na contística de Marcelino Freire, autor de prestígio da literatura brasileira contemporânea. Partindo da análise do abandono social manifestado em Freire junto à questão da violência, há a análise de tais aspectos em dois de seus contos, "Troca de alianças" e "Nação Zumbi", a partir da ideia do sacrifício voluntário, extraída do pensamento de René Girard. Essa relação dupla será avaliada por um ponto de vista complementar, o abandono e a violência constroem um diálogo que modifica ambos os aspectos e caracteriza esteticamente a construção dos contos. Sendo constantes na obra a ser debatida, personagens sem perspectivas de melhoras e submetidos às mais diversas práticas marcam fortemente o desamparo político vivido. Esses sujeitos ganham voz e se manifestam, marcando a realidade marginal de violência vivenciada, que deve ser analisada.

Palavras-Chave: Marcelino Freire. Literatura contemporânea. Literatura brasileira. Violência. Abandono social.

¹ Mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (Pós-Lit/UFMG).
Endereço eletrônico: rubensfcj@gmail.com.

SACRIFICIAL DUALITY: SOCIAL ABANDONMENT AND VIOLENCE IN MARCELINO FREIRE

Abstract: The present work intends to approach the existing duality in Marcelino Freire's short stories, prestigious author in contemporary Brazilian literature. Starting from the analysis of the social abandonment manifested in Freire with the violence, there is an analysis of such aspects in two of his stories, "Troca de alianças" and "Nação Zumbi", using the idea of voluntary sacrifice, extracted from the thought of René Girard. This double relationship will be evaluated from a complementary point of view, abandonment and violence build a dialogue modifying both aspects and aesthetically characterizing the construction of the stories. Being constant in the work to be debated, characters with no prospects of improvement and subjected to the most diverse practices strongly mark the political helplessness experienced. These subjects gain voice and manifest themselves, marking the marginal reality of violence experienced, which must be analyzed.

Keywords: Marcelino Freire. Contemporary literature. Brazilian literature. Violence. Social abandonment.

O sacrifício como alternativa

Marcelino Freire, premiado autor da literatura brasileira contemporânea, tem se destacado em cada uma de suas publicações como uma das importantes vozes do conto de sua geração. Costumeiramente tomando como temas de sua produção a violência e as desigualdades sociais, o ficcionista aparece como uma figura engajada na exposição de aspectos por vezes negligenciados da sociedade.

Em razão de tal destaque, a pesquisadora Maria Zilda Cury, ao inserir Marcelino Freire no panorama da literatura brasileira contemporânea, o coloca ao lado da figura do ro-

mancista Marçal Aquino, caracterizando Freire pelo traço de “denúncia social de suas narrativas” (CURY, 2007, p. 11). É isso que o insere na tradição da ficção brasileira urbana que remonta aos anos de 1960 e 1970, em que autores como Rubem Fonseca e Dalton Trevisan davam conta não apenas de um contexto de violência cidadina associada às desigualdades sociais, mas também de um universo de marginalidade em que ganhavam espaço as ações extremas protagonizadas por suas personagens.

Devido a essa caracterização inicial de seu trabalho, percebe-se que, para pensar na produção de Marcelino Freire, é imperativo tomar o aspecto de violência de suas narrativas como um ponto crucial da análise. No entanto, igualmente relevante é destacar o traço de abandono social, constantemente presente, que se encontra intimamente ligado a essa violência. A realidade social, longe de ser um elemento puramente proveniente de uma visão sociológica, faz parte do constructo estético elaborado por Freire, moldando a caracterização de seus personagens. Em alguns de seus mais conhecidos contos, como “Muribeca”, que trata de moradores de um lixão da capital paulista, e “Vestido longo”, cuja protagonista é uma prostituta que sofre abusos sexuais desde a infância, fica evidente o modo como a violência recai sobre as personagens em suas mais diversas formas estando sempre aliada ao desamparo perante as instituições que deveriam garantir as condições de subsistência digna a toda a população.

Nesse contexto, não raro, o que se manifesta é uma descrença em relação à possibilidade de receber qualquer tipo de suporte por parte das autoridades competentes, de modo que a saída é encontrada em situações adversas, como em meio a um lixão ou na prostituição, conforme os contos citados acima. Dirão, nesse sentido, os pesquisadores Glaidston Alis e Maria Zilda Cury que “Os personagens, com frequência, recusam-se a aceitar o enquadramento no estado de

direito por não darem crédito ao sistema político ou por sequer se sentirem parte integrante de uma coletividade” (CURY; ALIS, 2016, p. 125).

Em um contexto de reflexão acerca da precariedade política, para além do panorama eleitoral, seria possível dizer que os cidadãos da produção de Freire são aqueles cuja cidadania é constantemente negligenciada, de modo que, conforme o pensamento do cientista político José Murilo Carvalho, são cidadãos para os quais “Quem define a cidadania, na prática, é a polícia” (CARVALHO, 1998, p. 33). Do mesmo modo, pode ser afirmado a seu respeito que “Para eles [a grande maioria dos brasileiros], existe o Código Penal, não o Código Civil, assim como para os doutores existe apenas o Código Civil” (*ibid.*, p. 39).

Nesse cenário de desrespeito e violência sistemáticos, apesar da grande unidade que aparentemente compõe a obra de Marcelino Freire, alguns contos se destacam por sua especificidade. Estes, especialmente relevantes para a produção deste trabalho, são contos nos quais a violência que recai sobre as personagens é por elas mesmas produzida de modo voluntário, ainda que, no contexto já descrito de impossibilidade de acesso aos direitos, fique evidente o fato de que mesmo essa violência é um desdobramento da ausência do Estado. Dois contos se destacam especialmente e serão a partir de agora tratados com maior atenção. São eles “Nação Zumbi” (de *Contos negreiros*) e “Troca de alianças” (de *Angu de Sangue*), nos quais a violência pode ser observada de uma maneira atípica. O primeiro trata de um indivíduo que se revolta após ser impedido de vender um de seus rins para o chamado “mercado negro”, o que chama a atenção imediatamente pelo contexto de destaque à negritude em que o conto se insere. A venda, dentro da narrativa, seria o modo de acessar não apenas o retorno financeiro como também hospitais com condições dignas em que a operação seria realizada e outros benefícios. No segundo conto, há a narra-

ção em terceira pessoa da relação de um casal, composto por uma mulher jovem, pobre, proveniente de uma realidade periférica, marginal, e por um homem idoso e rico. A relação, já explorada exaustivamente pelas produções da cultura da mídia, é aqui colocada de modo especialmente abjeto, evidenciando o assujeitamento praticado pela parte feminina em busca de ascensão financeira. Esta, inclusive, em dado momento do conto, é apontada como dependente de tal situação para de fato exercer sua existência.

Em ambos os casos, o aspecto comum que norteia este artigo e que parece relevante é que a violência existente não se dá de maneira exterior, isto é, não há um indivíduo que aja de maneira violenta sobre o outro, mas de maneira reflexiva, auto direcionada, o indivíduo se violenta em prol de sua existência, ou em prol da manutenção de um bem-estar social aparentemente impossível sem recorrer a essa violação. O abandono social se mostra, então, como motivador da prática, pois devido ao desamparo existente, a integridade física ou moral, em cada um dos casos, é trocada pelo amparo possível. Parte da exclusão e do sentimento de não pertencimento à ordem pública, presentes entre as personagens dos contos de Marcelino Freire, caracterizam, também, formas da violência contemporânea, as quais seriam combatidas pelas personagens mencionadas.

Esse modo de violência descrito, pode, em alguma medida, ser lido como uma forma de sacrifício, ou auto sacrifício, especificamente. Isso porque há a execução de uma prática que, embora não seja ritual, abre mão de algo que pertence ao indivíduo em troca da recepção de um benefício, uma espécie de “benção” apenas alcançável por meio dessa violência.

Nesse sentido, o pensador René Girard, que dedicou grande parte de sua obra ao entendimento da relação entre o sagrado e a violência, auxilia na reflexão. O francês nos conduz a uma visão de mundo em que a violência aparece como

uma constante, de modo que há a busca incessante por sua contenção a partir da execução de uma outra forma de violência que seria benéfica. Dirá ele que “Eles [os homens] precisam distinguir entre a boa e a má violência; desejam repetir incessantemente a primeira para eliminar a segunda” (GIRARD, 1990, p. 53). Esse par, a violência benéfica, neste caso, a que o indivíduo escolhe exercer sobre si mesmo, e a violência maléfica, aquela presentificada pela ausência de condições para uma vida digna, é o que permite uma certa leitura desses contos e potencializa a compreensão do que é colocado em cena por Marcelino Freire.

Essas vítimas do sacrifício, o qual parte delas mesmas, partilham ainda uma característica que, em seus escritos, é destacada por Girard como primordial para que a prática possa exercer sua função de eliminação da violência maléfica. É dito que “A sociedade procura desviar para uma vítima relativamente indiferente, uma vítima “sacrificável”, uma violência que talvez golpeasse seus próprios membros, que ela pretende proteger a qualquer custo” (*ibid.*, p. 14), isto é, aqueles que são marginalizados fazem parte do grupo dos que não são protegidos pela sociedade e conseqüentemente não despertam o desejo de vingança a partir da violência por eles sofrida.

Ademais, essa abordagem adotada pelos protagonistas destacados permite ainda a leitura de um modo de ação alheio à submissão ou passividade perante suas condições no mundo. Uma vez privados de direitos básicos, os personagens preferem a iniciativa de tomar posse do que almejam através da ação, em oposição à possível mendicância ou espera de uma vontade alheia, quer seja do Estado, quer seja da iniciativa privada.

Tal postura dialoga com os escritos do consagrado autor inglês Oscar Wilde, o qual, em um texto chamado *A alma do homem sob o socialismo*, de 1891, exalta entre os homens

pobres aqueles que não aceitam de modo pacífico sua condição ou mesmo a ajuda de terceiros.

É dito por ele que

Algumas virtudes dos pobres são prontamente aceitas, e há muitas a lamentar. Frequentemente ouvimos dizer que os pobres são gratos pela caridade. Decerto alguns são gratos, mas nunca os melhores dentre eles. São ingratos, insatisfeitos, desobedientes e rebeldes. Têm toda razão em o serem. Para eles, a caridade é uma forma ridícula e inadequada de restituição parcial, ou esmola piedosa, em geral acompanhada de alguma tentativa por parte da alma apiedada de tyrannizar suas vidas (WILDE, 1983, p. 14).

Além disso, Wilde ainda afirma que “Um homem não deveria estar pronto a mostrar-se capaz de viver como um animal mal alimentado” (*ibid.*, p. 14), reforçando a indignação perante aqueles que, encontrando-se em uma condição de falta de direitos, tornam-se passivos.

É nesse contexto de ação dos personagens em busca de seus direitos que, conforme Alis e Cury, se dá uma disputa que chega inclusive ao campo discursivo, já que mesmo o uso da voz por parte das personagens de Freire configura uma afronta ao já histórico silenciamento e à postura de pacificidade com que a problemática das desigualdades é tratada:

O modo como os contos encenam as contraditórias relações sociais no espaço público, expressas na luta constante pela hegemonia discursiva, dá-se numa dupla dimensão: por um lado, vozes marginalizadas sem ressonância nesse espaço ganham volume e se impõem, não raro, violentamente; por outro, esse espaço é ironizado por sua vacuidade e seletividade dos discursos institucionais, especialmente aqueles concernentes à lei — os direitos constitucionais, os direitos humanos, os deveres do Estado e dos cidadãos —, verdades propaladas como sendo a base

do interesse coletivo em uma democracia (CURY; ALIS, 2016, p. 125).

Portanto, para melhor verificar o mecanismo de funcionamento dos contos e a forma como a lógica do sacrifício se faz presente, cabe em um primeiro momento ir a cada um deles e observar em algumas de suas passagens aquilo que se faz mais relevante para a discussão. Em um segundo momento, o que pode ser pensado é o modo como a dupla existente nos contos, violência e abandono, pode ser lida enquanto recurso estético utilizado nas narrativas.

Troca de alianças

Tomados cronologicamente, o primeiro conto relevante para a análise é “Troca de alianças”, o qual se insere no já mencionado *Angu de Sangue*, volume de estreia de Marcelino Freire no ano 2000. Já nesse momento de sua produção, seria percebido pela crítica o tom que envolve suas narrativas e distingue sua produção da de outros autores contemporâneos. Dirão os pesquisadores Sidney Barbosa e Marcio Roberto Pereira que

Assim como existe a variedade de vozes no conjunto de contos que compõem o *Angu de sangue*, existe a variedade de formas de expressão da violência. Não se trata apenas da agressão cotidiana, mas também da violência verbal, da violência física, do abandono e, por fim, da estilização da violência por meio da representação de cenas [...] que adquirem um aspecto de normalidade frente a um cotidiano caótico e de desamparo social (BARBOSA; PEREIRA, 2009, p. 2).

Sendo evidenciada inicialmente a amplitude da violência trazida por Freire, também será destacado pela crítica que a unidade entre os contos se constrói no volume pela onipresença dessa prática, já que “Nenhum dos contos da obra possui um final bem definido ou um desenlace feliz, mas são

cenas que se interligam pela opressão e pela estetização da violência” (*ibid.*, 2009, p. 4). Nesse sentido, “Troca de alianças” torna-se simbólico na coletânea justamente por explorar a violência que encontra-se além de sua modalidade física comumente retratada, vinculada a uma manifestação da violência sexual e ao assujeitamento que coloca a protagonista em um contexto próximo à prostituição exercida em condições precárias.

No cenário que se constrói nas poucas páginas da narrativa, é destacada a condição desigual em que se dá a relação supostamente amorosa: “Ela gosta e guela. Sem ele, ela é uma bosta. Vira uma bosta. Volta a ser bosta. Empregada doméstica, mestiça, tição o corpo que atiça e brasa” (FREIRE, 2005, p. 63). Por sua condição de pobreza, é constantemente reafirmado que, ao contrário da personagem masculina, de maior idade e maior prestígio social, a personagem feminina seria incapaz de possuir uma existência autônoma em que gozasse plenamente de seus direitos fora da sujeição a que se submete.

A condição de “investimento”, também destacada no próprio conto, é reforçada pela expectativa de desenvolvimento do relacionamento em que o papel da mulher passaria de amante a cuidadora:

Ele a educa, ela é uma puta. Se depender, vira dama, onça, as tamancas. Ele caduca, ela providencia ruga: diz que tá ficando velha, que sempre gostou de homens maduros, se moluscos, que por ele faz tudo. Vê futuro ao lado dele, mesmo que seja para trocar penico, fronha, travesseiro, dentadura (*ibid.*, p. 64).

Essa troca de papéis, ao longo do relacionamento, reforça inclusive o título do conto, levando a uma leitura que, para além da ideia de casamento, remete ao câmbio, a uma espécie de troca de favores desigualmente estabelecida.

Ao mesmo tempo, um certo caráter em alguma medida escatológico da relação é colocado nesse momento e em

outros, como em: “Ele conta história de menino, ela acredita. Ele morou no Egito: “onde fica?” Ele já foi à França, ela faz biquinho e dança nua. Ele não sabe se mijá ou ejacula” (*ibid.*, p. 64). Essa insistência sobre tal aspecto reforça a impossibilidade de extração de prazer ou de vivência de um relacionamento típico de amantes nessa situação.

Ainda assim, embora o desenrolar do conto conduza a um efeito de repugnância provocado sobre o leitor, mesmo que a mera existência de um relacionamento produzido pelo interesse em que duas pessoas de idades diferentes se encontram não seja novidade, há a idealização por parte da personagem feminina, a qual vê em nessa forma de se relacionar o modo ideal e quiçá único de alcançar um novo patamar social: “Ela só viu romance assim em novela. Cópia. Ela arranja um lugar para o sol na sua vida. Nem existe homem como ele em toda a terra à vista. Nem mulher como ela.” (*ibid.*, p. 65). A colocação desse imaginário evidencia o cenário de desesperança e de baixas expectativas em relação à vida em que se encontram as personagens dos contos de Freire. A ideia de lançamento à prostituição, em suas diversas formas, é constante em diversos contos (como no já citado “Vestido longo” e mesmo em “Moça de família”, do próprio volume de contos em questão), sendo mais ou menos explicitamente colocada e estando associada ao escape da condição de extrema pobreza.

Nesse contexto, segundo os críticos, “A violência nem sempre é retratada de forma física mas também relacionada, muitas vezes, à perda de sensibilidade nas relações humanas” (BARBOSA; PEREIRA, 2009, p. 2), ou seja, há o deslocamento das expectativas em relação ao que seria um relacionamento amoroso, de modo que a sujeição à violência e o assujeitamento pleno ao desejo sexual do outro torna-se a condição inescapável para livrar-se do abandono social.

Voltando à ideia do sacrifício, então, pode ser associado esse modo de ação com o intento de, por meio da violên-

cia, atingir um estado mais elevado, conforme Girard, que seria a ausência de uma violência maléfica. Será dito por ele que: “Só é possível ludibriar a violência oferecendo-lhe uma válvula de escape, algo para devorar” (GIRARD, 1990, p. 15), de modo que o próprio indivíduo, no contexto analisado, em parte, seria o devorado.

Nação Zumbi

Em oposição a “Troca de alianças”, no conto “Nação Zumbi” o primeiro elemento que se destaca é a narração realizada pelo próprio protagonista. O personagem marginal, neste caso, toma a palavra e ganha voz de modo potente, expondo, simulando a imediatez, seu ponto de vista em relação ao próprio corpo logo na primeira frase: “E o rim não é meu?” (FREIRE, 2014, p. 53). O tom da narrativa, já definido em sua primeira linha, é o de um questionamento a um sujeito exterior, que pode ser entendido como o leitor ou como um interlocutor hipotético que o confronta devido a sua decisão de vender o rim. Inicia-se, então, uma argumentação em que são levantadas vantagens que seriam propiciadas ao protagonista por meio da venda realizada.

Essa indignação que é exposta pelo protagonista se dirige ao mesmo tempo à atuação e à ausência do Estado, já que sua presença, limitando a possibilidade do personagem de violentar o próprio corpo, é o que o impede de corrigir a negligência: “Fácil é denunciar, cagar regra e caguetar. O que é que tem? O rim não é meu, bando de filho da puta? Cuidar da minha saúde ninguém cuida. Se não fosse eu mesmo me alimentar” (*ibid.*, p. 55). A consciência ainda se estende para os demais indivíduos das classes menos favorecidas, tendo destaque as crianças abandonadas pela proteção estatal: “Por que vocês não se preocupam com os meninos aí, soltos na rua? Tanta criança morta e inteirinha, desperdiçada em tudo que é esquina” (*ibid.*, p. 55).

Como visto, alguns direitos, ou ao menos bens facilmente acessados pelas classes mais privilegiadas, são destacados como acessíveis ao protagonista por meio do negócio que realizaria junto ao mercado ilegal. O deslocamento para fora do país, o acesso a uma viagem para o continente africano em condições luxuosas, é um dos primeiros elementos destacados: “Os caras chegam aqui e levam a gente pra Luanda ou Pretória. No maior conforto e na maior glória. Puta oportunidade só uma vez na vida, quando agora?” (*ibid.*, p. 53). Percebe-se ainda que é destacado o descontentamento e a falta de esperanças quanto à possibilidade de, em algum momento futuro, acessar os benefícios perdidos pelo impedimento da venda.

Ainda na exaltação da possível viagem, ironicamente, o direito à saúde também é colocado em questão, potencialmente acessível através da mutilação de seu próprio corpo permitida pelo personagem:

Dizem que é bonito o hospital de lá. Bom de se internar. De se recuperar. Livre comércio de rim, sim. Isso mesmo, o que é que há? Meu sonho não foi sempre o de voar, feito um Orixá? Pôr meus pés em cabine de avião? Diz aí, meu irmão, minha asa quem mandou cortar? (*ibid.*, p. 54).

É ressaltado, então, o bem paradoxal que seria alcançado pelo sacrifício feito, isto é, acesso à saúde por meio da degradação da saúde, do mesmo modo que, conforme já dito sobre o pensamento de Girard, há o recurso a uma violência para conter outra.

A noção de troca, no contexto da negociação, é também levantada, já que o protagonista entende que o recurso que possui e que poderia negociar para atingir um modo de vida digno é o próprio corpo, suas diversas partes:

Por que não cuidam eles deles, ora essa? O rim é meu ou não é? Até um pé eu venderia e de muleta eu viveria. Na minha. Um olho enxerga pelos dois ou não

enxerga? Se é pra livrar minha barriga da miséria até cego eu ficaria (*ibid.*, p. 54).

Essa ideia evidencia em alguma medida a internalização de um discurso que trata o corpo do indivíduo pobre, especificamente negro, como descartável, colocando sobre ele um preço que pode ser pago pelos mais abastados. É por isso que o enredo do conto pode ser visto dentro do pensamento de Girard, já que “o sacrifício é uma violência sem risco de vingança” (GIRARD, 1990, p. 25), justamente pela noção de que certos corpos são ou podem ser descartáveis. Ainda, o pessimismo que é colocado pelo personagem reforça a ideia de que a violência é a única via para dar fim às consequências da ausência do Estado, de modo que pode ser entendido que “É impossível não usar a violência quando se quer liquidá-la. Mas justamente por isto, ela é interminável” (*ibid.* p. 40).

É simbólico, por fim, em oposição ao conto anterior, que haja aqui a narração em primeira pessoa, já que ao mesmo tempo a narrativa dá vazão à posse sobre o corpo e sobre a fala, as ideias e o discurso construído pelo protagonista. Como dirão Cury e Alis, nesse discurso, “cobra-se do poder instituído a intervenção em questões relativas ao espaço social, mais relevantes do que o que ele considera como uma intromissão em sua privacidade e o cerceamento ao direito de dispor do próprio corpo.” (CURY; ALIS, 2016, p. 130). O uso da voz, performado dentro do conto através da aparência de oralidade e de interlocução, potencializa o cenário de abandono colocado por Freire e evidencia uma estética que usa a violência e o desamparo em sua construção.

Duas histórias

Para melhor observar o modo como a relação entre abandono social e violência se estabelece dentro dos contos, é interessante pensar teoricamente na construção de tais

objetos artísticos. O crítico argentino Ricardo Piglia, ao refletir sobre o modo como a forma do conto se estabeleceu ao longo dos séculos, dirá que há uma lei que rege em sua estrutura e faz parte da produção de sentido das narrativas: “Primeira tese: um conto sempre conta duas histórias” (PIGLIA, 2004, p. 89). Piglia desenvolve essa perspectiva em seu ensaio “Teses sobre o conto”, no qual, além de indicar o desenvolvimento paralelo de dois enredos dentro do conto, apresenta a hipótese de que o conto moderno se difere do conto clássico justamente pelo modo como essas histórias nele se relacionam.

Em todo caso, o argentino é categórico ao afirmar que no conto “Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário” (*ibid.*, p. 90), de maneira que tendo isso em mente seria possível realizar uma leitura capaz de distinguir os planos das narrativas de Freire, observando não apenas aquilo que salta aos olhos, o que chama a atenção e parece primordial, mas também uma espécie de pano de fundo que parece permear toda a sua obra. A violência, então, seria o primeiro elemento visível, ao qual se submetem, teoricamente, por vontade própria os personagens de ambos os contos analisados. Por outro lado, o abandono social, isto é, a condição precária de subsistência dos personagens, é o que motiva a ação que se dá no primeiro plano, constituindo um elemento interno que funciona como um gatilho para o que está sendo colocado. A segunda história, secreta, poderia ser lida como o uso que o contista faz da realidade brasileira, sobretudo das classes sociais mais marginalizadas. Em seu relato implícito, uma biografia de desesperança e desamparo pode ser lida, cada um de seus personagens evoca, nas vozes que se apresentam nas narrativas, uma identidade comum que pode ser identificada entre as minorias políticas do Brasil.

Ainda segundo Piglia, o modo como Freire conduz a coexistência entre as histórias seria condizente com a menci-

onada forma moderna do conto, já que “A versão moderna do conto [...] trabalha a tensão entre as duas histórias sem nunca resolvê-la” (*ibid.*, p. 91), isto é, não há um desfecho que ligue as histórias contadas, ao modo das narrativas policialescas de Edgar Allan Poe, há uma tensão constante em que por vezes a violência e o abandono parecem correr em linhas indistinguíveis, já que “o conto moderno conta duas histórias como se fossem uma só” (*ibid.*, p. 91).

Para estender a reflexão acerca do papel que a realidade social desempenha na dualidade formal que se verifica, cabe resgatar as colocações do crítico Antonio Candido a respeito da relevância do contexto exterior à obra para sua composição. Dirá ele que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2014, p. 14). Essa ideia de internalização da realidade social é o que parece poder ser apreendido em Marcelino Freire, já que, como já exposto, é exatamente esse o elemento que compõe o relato oculto do conto e, além disso, permite a existência de personagens como as que são colocadas em cena. Candido destaca, no trecho apontado, que para além de uma caracterização sociológica, a exterioridade torna-se de fato relevante quando pode ser percebida esteticamente, de modo que “saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (*ibid.*, p. 17).

Desse modo, tendo em vista o funcionamento dos contos de Freire, a maneira como o contexto social motiva toda a narrativa, fica evidente o funcionamento dessas condições como um elemento interno de sua obra, além de poder ser afirmado que é a dualidade entre a violência e o abandono social que garante a inserção de seus escritos na tradição secular do conto.

Considerações finais

Ainda que o presente estudo seja limitado, inclusive do ponto de vista de sua extensão, por tratar-se de um artigo em que as possibilidades de desenvolvimento não podem nem sequer devem ser esgotadas, o uso dos trechos e a verificação da recorrência não apenas temática, mas do modo de construção dos personagens e de seus discursos dentro da obra de Marcelino Freire permite afirmar a existência de uma poética que conjuga, em uma aparente simbiose, a violência e o abandono social.

Como já colocado, sua escolha por tal recorte dentro da realidade brasileira o insere em um certo lugar da tradição da literatura nacional, tendo correspondência temática com seus contemporâneos, tais como Ferréz e Giovane Martins, e alguns dos já mencionados antecessores. Destaca-se na obra de Freire o fato de que seus personagens não aparecem simplesmente como pretextos para narrar feitos de violência, e sim como um elemento estético que se coloca como a única possibilidade frente a um sistema político que tem o abandono como regra. Suas vozes, os discursos por eles produzidos que em si mesmos concentram grandes doses de violência, são um modo de se opor à submissão e à passividade esperadas de quem se encontra em meio à miséria.

O presente trabalho pretendeu ainda dar conta de um aspecto radical da violência desenvolvida por Freire, aqui chamado de sacrifício voluntário, ou auto sacrifício, já que, como foi visto, muitas de suas personagens aparentemente tornam-se vítimas de uma violência por elas mesmas proporcionada, como modo de escapar de suas dificuldades. Mais uma vez, conforme Candido e Piglia, esse autoflagelo certamente pode ser considerado como um modo de relação entre o contexto social e a violência que atinge as personagens em um âmbito individual.

Cabe ainda pontuar que os modos de vida e de ação colocados em cena por Marcelino Freire possuem correspondência em outros momentos da produção artística brasileira. O gênero musical rap, por exemplo, notoriamente associado a vozes e vivências marginais, em diversas canções traz sujeitos que privados de seus direitos básicos partem em busca de sua conquista utilizando os meios que estão a seu alcance, violentamente ou mesmo pela via da arte.

Por essa razão, as colocações feitas pelo professor Acauam Oliveira sobre um dos maiores grupos de rap da história do gênero no Brasil, os Racionais MC's, dialogam diretamente com a obra de Freire. Assim como é dito sobre os músicos, no caso de Freire, a escrita toma "forma a partir dos destroços desse projeto de formação do país, comprometendo-se de modo radical com aqueles que ficaram socialmente relegados às margens de um projeto de integração que nunca chegou a se completar" (OLIVEIRA, 2018, p. 25). Além disso, também especificamente o ponto de vista de Freire se assemelha ao dos rappers, uma vez que

o ponto de vista [...] a respeito da criminalidade e da violência é muito mais complexo que o olhar do "cidadão de bem" conservador (para quem bandido bom é bandido morto) e do "defensor dos direitos humanos" (para quem o bandido é mera vítima da sociedade, por ser pobre) (*ibid.*, p. 35).

Portanto, fica evidente que a relevância de Marcelino Freire para a análise do cenário literário atual e para a compreensão do contexto social brasileiro é inquestionável, sendo ainda possíveis outros trabalhos que façam recortes distintos de sua obra, utilizando outros contos e outros tipos de personagens, de modo inclusive a chegar a uma reflexão sobre a forma como sua poética se desenvolve em sua ainda incipiente produção de romances.

Referências

- BARBOSA, Sidney; PEREIRA, Marcio Roberto. Angu de Sangue: Mensagens e Imagens sobre o Desamparo Social. *In: Anais do 170. Congresso de Leitura do Brasil-COLE*, p. 1-5, 2009.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. *In: Literatura e sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, p. 13-25, 2014.
- CARVALHO, José Murilo de. Brasileiro: cidadão? *In: Revista do legislativo*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, n. 23, p. 32-39, jul./set. 1998.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. *In: Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 7-17, dez. 2007.
- CURY, Maria Zilda Ferreira; ALIS, Gleidston. Marcelino Freire: ação política pela palavra. *In: Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 25, p. 120-148, jan./jun. 2016.
- FREIRE, Marcelino. "Troca de alianças". *In: Angu de Sangue*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 63-65, 2005.
- FREIRE, Marcelino. "Nação Zumbi". *In: Contos negreiros*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, p. 53-55, 2014.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e terra; UNESP, 1990.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MC's. *In: Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cia das Letras, p. 19-37, 2018.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. *In: Formas Breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cia das Letras, p. 87-94, 2004.
- WILDE, Oscar. *A alma do homem sob o socialismo*. Porto Alegre: L&PM editores, 1983.

[Recebido em: 30 mar. 2022 — Aceito em: 11 out. 2022]